

CAPELANIA HOSPITALAR / PASTORAL DA SAÚDE

INTRODUÇÃO

Capelania não é um termo moderno. É o nome dado aos serviços religiosos/pastorais prestados por sacerdotes, diáconos, religiosos (as), pastores (as), outros(as) agentes/ministros (as), leigos e leigas, especialmente envolvidos(as) com a área da saúde, em hospitais (instituições Psiquiátricas, Asilos, Sanatórios). Por extensão, também se entende uma presença religiosa/pastoral junto aos doentes em seus domicílios. A ICAR (Igreja Católica Apostólica Romana) denomina essa pastoral com o termo Pastoral da Saúde (= dos enfermos).

Na sua genericidade “Capelania” também se refere aos mesmos serviços prestados em outros ambientes de internamento, tais como cadeias, penitenciárias, instituições militares, casas de re-educação de menores, abrigos de idosos, etc.

Fala-se que tal termo originou no Exército Francês em 1976 (?). E dizem estar a origem do nome ligado à Capa (Capelo, capelania) que (S.) Marinho de Tours, num dia de chuva e frio, teria repartido com um andarilho. Esta capa, mais tarde, passou a ser venerada na Igreja da cidade, com relíquia.

Capelania (na área da saúde) é um ministério religioso/pastoral/espiritual (prioritariamente) e, em nosso caso, cristão (católico e/ou evangélico), solidário, humanitário, fraterno, voluntário, que pode ser confessional e/ou interconfessional (outras Igrejas e Religiões).

Tal ministério, exercido em Instituições hospitalares e em domicílios, em prol dos enfermos e idosos e todas as pessoas com eles relacionados (também profissionais da saúde), confortando-os e ajudando-os a lidar com a enfermidade, a aceitar o tratamento indicado e, preparando-os até mesmo, para a morte, no caso de doentes terminais.

Esse ministério visa levar a fé, a esperança, o amor (cf. I Cor 13,13); é aperfeiçoar a fé com obras (cf Tg2,22); e ser ovelhas de Jesus (cf Mt 25,33.36) . Logo, fundamenta-se nessa base, essencialmente, bíblica.

Suprimam-se do Evangelho todos os textos que indicam a disponibilidade, atenção, poder e tempo de Jesus dedicado aos doentes e nós teremos os Evangelhos, no seu texto escrito, uma perda de 30% ou até 40% de seu conteúdo.

Exercer tal ministério é levar o toque do amor de Deus aos necessitados, através da nossa instrumentalidade.

Para participar e querer se abastecer de uma formação a esse respeito, é preciso que se desprenda de preconceitos, “achismos”, para que não falte, naquilo que depende de nós, o necessário para esta obra que é de Deus.

Logo, CAPELÃO/AGENTE DA PASTORAL DA SAÚDE/VISITADOR DE IDOSOS (AGENTES DA PASTORAL DO IDOSO) é o termo sinônimo de pastor, irmão, pai/mãe. E, tal função/ministério deve ser atribuído (a) à aqueles que tenham alguma vivência e sensação de serem chamados para tal atividade, levando-lhes palavras de calma e paz, de ânimo e de conforto , fé e esperança, auto-estima e valorização da vida, da pessoa, da família, da sociedade.

Sabemos das dificuldades colocadas por parte das Instituições de Saúde, no que se refere à visita pastoral de Capelães (Padres, Pastores, etc) bem como de Agentes da Pastoral da Saúde (Diáconos, religiosos(as), Agentes Leigos(as) de Pastorais, etc).

Às vezes, isso até tem “cheiro” de anti-clericalismo, anti-religiosidade... parece, às vezes, uma certa falta de respeito à fé alheia, seja de pacientes, como de familiares, como de Agentes de Pastorais. Dá uma impressão de “concorrência funcional” ou algo como declarar: “Medicina no hospital. Padre/Pastor, na Igreja”, com diferentes variações.

Sabemos que um hospital tem suas normas, contudo, mesmo no rigor delas, tem-se que, com bom senso, abrir possibilidades para que a visita/assistência espiritual seja garantida. Hospitais inteligentes até cobram essas visitas, pois sabem que, sendo a pessoa humana um todo indivisível, o bem que é a assistência religiosa faz ao(à) enfermo(a).

Creio que, respeito, prudência, clareza de ambos os lados, ajudam. E muito!

Daí a importância, em se tratando de Capelania/Pastoral da Saúde Hospitalar, ter um bom e claro entendimento com a Direção da Instituição, no sentido de evitar dificuldades e mal-estares. Objetividade e imparcialidade, de ambos os lados, fazem bem.

Nos hospitais é comum ocorrer que os profissionais da saúde, incluindo os(as) médicos(as), experimentem, às vezes, tensões no trabalho junto aos doentes e seus familiares. Se alguém é um profissional da saúde, não significa que está vacinado contra stress, irritações, depressão. Muitas são as razões para isso. Pode-se conversar a respeito.

Esta tensão desses profissionais tem aumentado nos últimos tempos, também por causa de questões econômicas, dificuldades com SUS, convênios, com direções hospitalares, com diminuição de profissionais em relação ao aumento de doentes.

Logo, também os médicos e outros profissionais de saúde não podem estar fora das preocupações pastorais/espirituais e deve-se, mesmo com uma metodologia a construir, ajudá-los a enfrentarem os problemas profissionais, pessoais e familiares.

A palavra oportuna, encorajadora, pode levantar o moral e aumentar o bom senso de todos, no ambiente hospitalar.

Um estudo feito nos Estados Unidos da América do Norte, demonstrou que 63% de médicos e enfermeiros de UTI acreditam ser um papel importante o dos Capelães e Agentes da Pastoral da Saúde, com suas palavras e atitudes, prover-lhes conforto nas tensões do seu dia-a-dia. Outros 37% acreditam que Capelães e Agentes da Pastoral da Saúde deveriam ser mais disponíveis para ajudar essas pessoas (médicos, enfermeiros, etc), ouvindo-os, orientando-os.

Muito bom é quando a Instituição Hospitalar dispõem de um local para essas orientações personalizadas.